

OS AMIGOS NÃO SE COMPRAM

Era o dia 22 de dezembro. O Natal aproximava-se e o Pai Natal estava muito atarefado a preparar os sacos com os brinquedos. Muito longe dali, em Portugal, um menino chamado João escrevia a sua carta que já estava atrasada.

- Mãe, já sei o que vou pedir.
- O quê meu filho?
- Eu quero muitos amigos.
- Tens a certeza que queres isso?
- Sim, tenho a certeza.
- Então vai lá escrever a tua carta.

Quando o Pai Natal viu aquela carta disse para si:

- Este menino não está bom, então ele quer muitos amigos! Eu não consigo dar-lhe muitos amigos, é impossível!

Quando a manhã do dia vinte e cinco chegou, o João, em vez de ter muitos amigos, teve um papel que dizia: “Os amigos não se compram, “conquistam-se”.

O João ficou muito zangado por ter só um papel e por não perceber o que ele dizia. A partir desse dia, o João passava horas no seu quarto a olhar para o papel e a pensar no que o Pai Natal queria dizer com aquilo.

- Mãe, o que é que o Pai Natal queria dizer com aquela frase?
- Não sei meu filho, desculpa mas não sei.

O João que era feliz, ficou a ser infeliz.

Passado um ano, o João e os pais tiveram que emigrar para o Brasil e o João teve que mudar de escola. O João ainda se lembrava do Natal do ano anterior.

Na escola, o João encontrou-se com um menino que se chamava Júlio. Eles começaram a falar, a brincar,

Um dia, o Júlio disse ao João que o ia levar a um sítio espetacular. Eles foram ao Cristo Rei. A certa altura, o Júlio disse:

- João!

- Sim, Júlio.

- Sabes, és o meu único amigo.

- Somos amigos! Não posso acreditar! Sabes, também és o meu único amigo. Eu, no Natal passado, pedi ao Pai Natal muitos amigos e em vez de ter isso tive um papel que dizia: “Os amigos não se compram, conquistam-se”.

Quando o João foi para casa disse à mãe:

- Mãe, hoje percebi o que o pai Natal queria dizer com aquela frase no Natal passado.

- O quê meu filho?

- Os amigos são como as casas, para fazer a casa tem que se por um tijolo de cada vez e os amigos primeiro tem que se falar com eles, depois brincar e depois de os conhecer bem, se eles quiserem, somos amigos.

- Muito bem filho!

- Na manhã seguinte, o João foi a casa do Júlio para brincar. O João sentia-se muito feliz e o Júlio sentia o mesmo.

Eles foram para o pinhal e de repente o João perguntou:

- Júlio, onde é que estamos?

- No pinhal, mas acho que estamos perdidos.

- Eu também acho.

De repente, uma voz que parecia vir do chão disse:

- Olá Júlio! Olá João!

- João, de onde é que vem esta voz?

- Não sei, Júlio.

- Júlio, João, eu estou no chão.

Júlio e João olharam para o chão e viram um pequeno homenzinho com duas cabeças.

- Júlio, ele tem duas cabeças!

- Não faz mal, parece simpático.

- Eu sou o Kisney!

- Vocês são dois em um, não é? – perguntou o João.

- Sim.

- Onde é que vives?

- Eu vivo no planeta Minicky, Júlio.

- Onde? – perguntou o João.

- No planeta Minicky. Querem ir ao meu mundo?

- Sim! – disseram ambos, em uníssono.

- Então vamos. Suybi! Suybi!

De repente, um pássaro gigante veio até eles e o Kisney ficou num tamanho normal.

- Tu ficaste num tamanho normal! – disse o Júlio.

- Eu voltei ao tamanho normal porque eu tenho o tamanho normal.

- Mas tu estavas pequeno.

- Pois foi, porque eu na Terra, para ninguém me ver, fico no tamanho pequeno. Agora vamos para cima do Suybi.

- Este é o Suybi?- perguntou o João.

- Sim, é o meu pássaro de estimação, anda, sobe.

- É seguro? – pergunta o Júlio.

- Sim, é!

Eles passaram muitas estrelas e planetas até chegarem ao planeta Minicky. A certa altura, o Kisney disse:

- Estamos quase a chegar, é aquilo ali!

- Ali à beira daquela estrela?

- Sim, João!

Quando chegaram lá, o Kisney disse:

- Neste planeta protegemos muito o ambiente: não deitamos lixo para o chão, limpamos a floresta, só andamos de bicicleta ou a pé, só usamos energia solar, ...

- Vocês, protegem mesmo o ambiente! Vou levar essa ideia para o planeta Terra que está a ficar doente.

- Pois é João!

- Aqui, têm todos, duas cabeças! – disse o Júlio.

- É, temos todos, duas cabeças.

- Aqui acreditam em Cristo?

- Não João, nós acreditamos no Ckyvadokai.

- Eu acredito em Cristo.

- Eu, também Júlio.

O Kisney mostrou-lhes a cidade toda e depois foram embora. Quando chegaram à Terra o João disse:

- Obrigado Júlio, tu acompanhaste-me sempre, recebeste-me com amor e carinho, ajudaste-me sempre, obrigado.

- De nada João.

E neste momento, os dois amigos abraçaram-se mostrando o grande amor que tinham um pelo outro.

Passaram-se três meses, só faltava um dia para o Natal.

- Júlio, hoje é o dia vinte e quatro de dezembro, amanhã é o Natal, queres ir a minha casa festejá-lo?

- Por mim tudo bem, mas tenho que pedir à minha mãe ...

- Ela também pode ir. Pode ir a tua família toda.

- Obrigado João!

- De nada.

No dia seguinte o Júlio e a sua família foram a casa do João festejar o Natal.

- Júlio, queres jogar a quê? Eu tenho muitos jogos: monopólio, puzzles, sabichão, ...

- Pode ser o monopólio?

- Está bem, vamos jogar ao monopólio!

Depois de brincar, foram comer o bacalhau.

- Está muito bom João, está delicioso!

- Foi a minha mãe que o cozinhou, ela é uma ótima cozinheira.

Depois de comerem, o João e o Júlio foram brincar e de seguida o Júlio e a família foram embora.

No dia seguinte, quando o João acordou, foi ver os seus presentes. Quando os abriu foi para a beira da mãe dizer:

- Mãe, Mãe, o Pai Natal deu-me um robot e um lança teias do Homem-aranha!

- Que giro, filho, o Pai Natal deu-te mesmo o que tu querias!

- Pois foi mamã!

Em casa do Júlio também houve muita animação, pois o Pai Natal deixou-lhe o que ele queria.

- Mãe, o Pai Natal deu-me dois puzzles e um monopólio.

- O Pai Natal foi muito teu amigo.

- Pois foi, ele deu-me mesmo o que eu queria!

No dia seguinte o João foi para casa do Júlio. Eles brincaram, riram e saltaram.

A partir desse dia o João e o Júlio viam-se todos os dias, eles eram muito amigos!

Autor: João Filipe Lima

EB1 de Rio de Moinhos – 4 Ano